

A história do manto de penas Tupinambá

PLUS Obras-primas

A história do
manto de penas
Tupinambá

MUSEUS REAIS DE
ARTE E HISTÓRIA

MER. BOOKS

1	A história do manto de penas Tupinambá em Bruxelas	7
2	Os mantos nos museus Europeus	31
3	Quem são os Tupinambá?	57
4	A fama dos mantos de penas no século XVI	71
5	O manto Tupinambá preservado em Bruxelas, centro de um renascimento artístico	87



FIG.1 O manto Tupinambá conservado em Bruxelas (AAM 5783). O ponto de ligação entre as duas partes pode ser visto onde a dobra começa.

1 A história do manto de penas Tupinambá em Bruxelas

1.1. O manto, obra-prima do Arsenal Real

O manto de penas Tupinambá (Brasil) está entre as peças mais antigas e mais importantes da coleção dos Museus Reais de Arte e História da Bélgica. Esta peça é cobiçada por museus de todo o mundo. No inventário real de 1780, o manto é mencionado junto com um grande arco de dois metros revestido de trançado (ETAM 4160), mas esse arco provavelmente não é de origem Tupinambá.

O comprimento desse manto é notável: ele mede 2m de altura por 1,80m de largura. Na verdade, é composto de três partes. Dois mantos de aproximadamente 1m cada foram unidos. Na parte central do manto, onde as penas não se sobrepõem totalmente, pode-se ver um ponto que parece ser uma costura. Não se sabe quando as duas partes foram unidas uma à outra. Para fins de conservação, foi costurado um pedaço de tecido vermelho na parte interna, o que nos impede de ver como as duas partes foram ligadas. Na parte superior, o manto termina com uma coroa de pequenas penas.

A cor também impressiona. As penas vermelhas vêm principalmente do guará - também conhecido como íbis-escarlata ou guará-vermelho (*Eudocimus rubra*) -, ave que vive em estuários e pântanos costeiros. As penas são fixadas a uma rede de algodão do tipo rede de pesca. As malhas das redes são em forma de losango e maiores na parte superior, ficando menores no trecho inferior. Cada pena é presa com um nó. A haste da pena atravessa o nó, é dobrada para baixo e fixada com um cordão horizontal esticado através das malhas da rede.

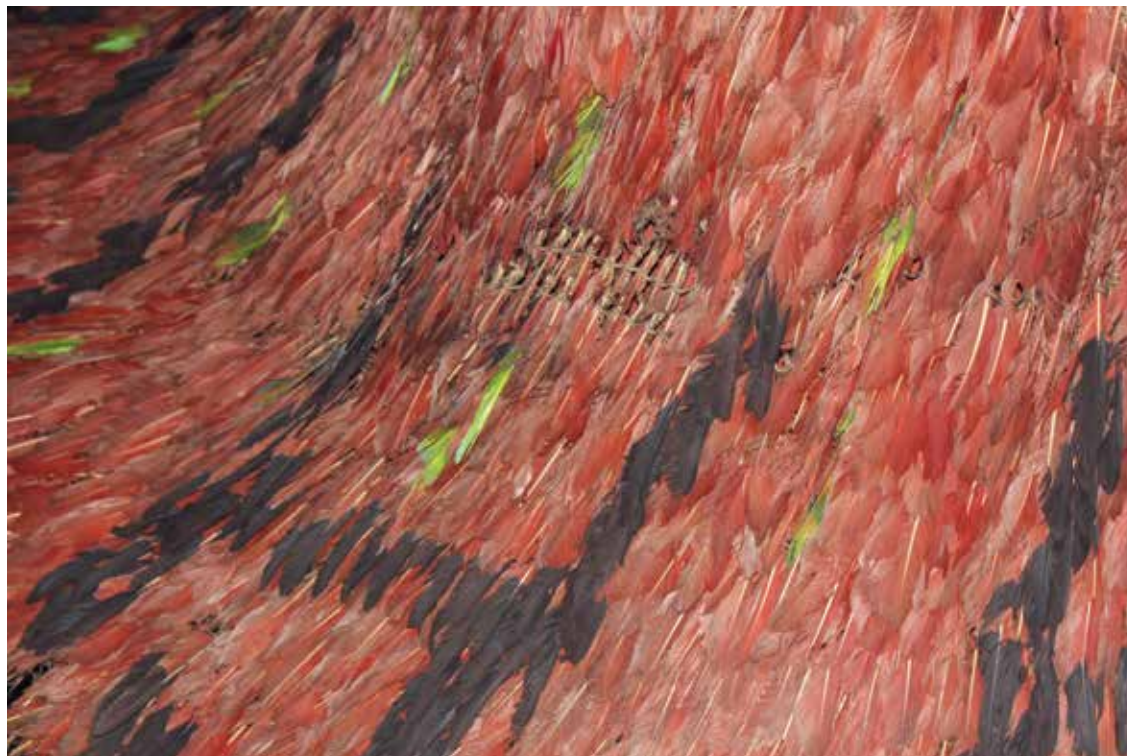


FIG. 2 Detalhe da parte inferior mostrando o arranjo das penas pretas e algumas verdes. À direita, observa-se o motivo em forma de H.

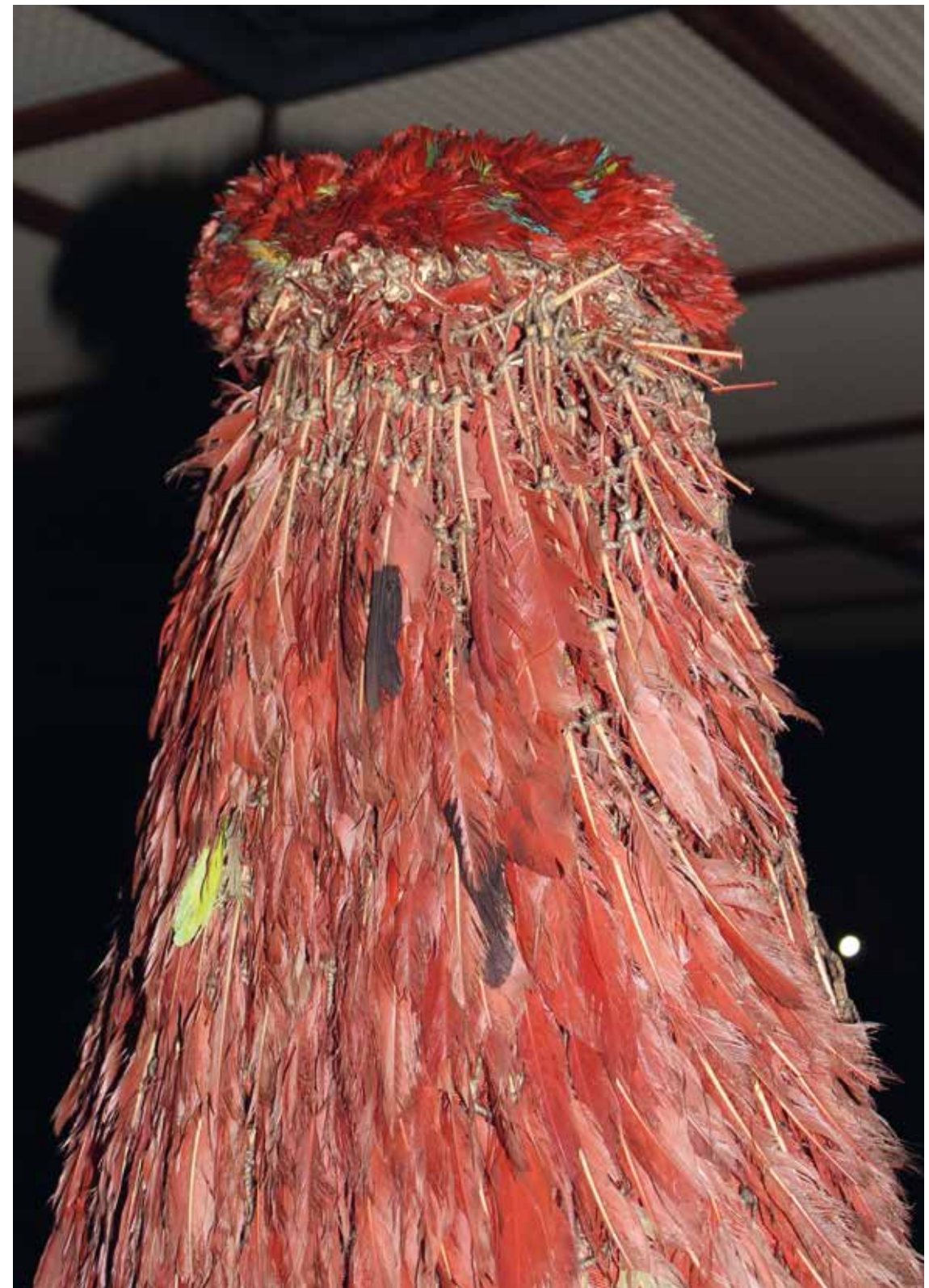


FIG. 3 Detalhe da coroa com fileiras compactas de pequenas penas vermelhas verticais; entre elas, plumas amarelas, verdes e azuis.



FIG. 4 A arara-vermelha (*Ara chloroptera*), da qual foram usadas penas verdes e azuis para complementar as penas do guará-vermelho.



FIG. 6 A arara-canindé (*Ara ararauna*), usada por suas penas azuis e amarelas.

As penas não são colocadas aleatoriamente, mas seguem uma orientação específica, como no corpo das aves, respeitando o lado direito e esquerdo das asas. Isso confere ao manto um aspecto homogêneo e maleável.

A parte inferior do manto contém motivos formados pela disposição de penas pretas e algumas verdes, possivelmente da arara-vermelha (*Ara chloroptera*). As penas pretas provêm das asas do guará-vermelho. Elas formam, na metade direita do manto, quatro linhas verticais e duas figuras em forma de H. A pesquisadora Gaëlle Dias Ambelakiotis, que estudou o manto em 2021, estimou entre 250 e 280 as penas pretas utilizadas. Como cada guará-vermelho possui quatro penas pretas na ponta de cada asa, ela calcula um total equivalente a 37 aves. As penas verdes (oriundas do papagaio *Amazona** ou da arara-vermelha) foram dispostas de modo a formar linhas verticais mais ou menos precisas entre as fileiras de penas pretas.

Além de seu comprimento excepcional, o exemplar de Bruxelas se destaca também pela coroa de penas vermelhas que ornamenta sua parte superior. Essas penas são menores e mais franzidas do que as do restante do manto. Entre os pequenos penachos vermelhos, encontram-se diversas penas amarelas, verdes e azuis, provenientes da arara-canindé (*Ara ararauna*) e de alguma espécie de papagaio *Amazona**. Essa coroa foi confeccionada com uma técnica diferente: as hastes das penas também foram inseridas em um nó, mas firmemente mantidas na vertical de forma compacta, enquanto as demais penas do manto se sobrepõem como em um corpo de ave.



FIG. 5 O guará-vermelho era muito comum na costa atlântica do Brasil. Suas penas vermelhas eram altamente valorizadas na confecção dos mantos.



FIG. 7 O papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), pequena espécie com várias subespécies, valorizada por sua bela plumagem verde.

1.2. Como o manto chegou a Bruxelas

O registro mais antigo sobre esse manto remonta ao final do século XVIII. Ele aparece em um inventário de objetos – principalmente armas e armaduras – conservados nas coleções reais do Arsenal. Nessa época, as coleções estavam instaladas numa galeria dos estâbulos da Corte, situada na Rue de Namur (Bruxelas). Armas e outros objetos recebidos pela Corte eram ali guardados desde o século XV.

Presume-se que o arco e o manto foram trazidos no século XVI, durante a colonização das Américas pelos europeus. Inicialmente, ao que tudo indica, foram guardados no palácio dos duques de Brabante [n.t.: região do atual norte da Bélgica e sul da Holanda]. A referência mais antiga está no inventário do Arsenal, datado de 1780, elaborado por Georges Gérard, membro da Academia de Ciências e Letras de Bruxelas. Em seguida, até 1794, os objetos integraram as coleções da câmara heráldica, embora nenhum registro detalhado desse período tenha sido encontrado. Por fim, foram enviados para o Museu Real de Armaduras, Antiguidades e Artilharia, no Portão de Halle [n.t.: antiga porta medieval da cidade de Bruxelas], até chegarem aos Museus Reais de Arte e História.

Em 1835, o rei Leopoldo I fundou o Museu de Armas da Antiguidade, Objetos de Arte e Numismática. A esse museu já pertenciam peças etnográficas americanas que provinham do antigo Arsenal. Durante os governos do imperador



FIG. 8 O arco de madeira revestido de trançado bicolor. Embora proveniente do Brasil, certamente não é Tupinambá. Os motivos em losango provavelmente representam escamas de serpente (ETAM 04160).

Carlos V e de seus sucessores, essa coleção foi enriquecida com objetos vindos do Novo Mundo. O inventário de 1780, o único disponível sobre esse acervo, menciona raros objetos astecas como armaduras, bastões de ferro e escudos, atribuídos de forma pretensiosa e incorreta a Montezuma [forma como se escrevia então seu nome]. Essas armas não parecem ter origem americana, contudo, o famoso manto*



FIG. 9 Retrato de um guerreiro Tapuia segurando suas armas: um arco e flechas e um tacape de madeira decorado com penas. O pintor holandês Albert Eckhout (1610–1665) acompanhou Johan Maurits van Nassau (1604–1679) ao Brasil. Ele foi o primeiro a pintar retratos de indígenas no Brasil. Nationalmuseet – Etnografisk Samling, Copenhagen.



FIG. 10 Retrato de um guerreiro Tupi. Albert Eckhout (1610-1665). Nationalmuseet – Etnografisk Samling, Copenhagen.

de penas, igualmente atribuído de maneira equivocada a Montezuma, provém na verdade dos Tupinambá, grupo que viveu até o século XVII no litoral atlântico do Brasil. Também pertence ao mesmo conjunto um arco revestido de trançado. Após a comoção histórica nos antigos Países Baixos [n.t: a revolução que culminou na independência da Bélgica em 1830-31], apenas esse manto e o arco permaneceram na coleção durante a criação do museu.

— SCHOTSMANS 1985, p.15.

O museu foi fundado em 1835 e suas coleções iniciais eram compostas pelas peças remanescentes do Arsenal Real, coleção criada no século XV pelo duque Antônio de Borgonha. Essa coleção incluía armas, troféus e curiosidades. Durante muito tempo, permaneceu próxima aos estábulos reais, no palácio de Coudenberg. Em 1794, após a Batalha de Fleurus, os austríacos levaram os objetos mais valiosos para Viena, para protegê-los da chegada das tropas de Napoleão.